

# Como se preparar para a eternidade

NIKA DUBROVSKY 

Instituto David Graeber | Londres, Reino Unido  
dubrovsky@gmail.com

**tradução** RENATO MARTELLI SOARES 

Universidade Federal de São Carlos | São Carlos, São Paulo, Brasil  
martelli.soares@gmail.com

LEONARDO VIANA BRAGA 

Universidade de São Paulo | São Paulo, São Paulo, Brasil  
leovianabraga@gmail.com

**DOI** 10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe219047

O livro menos conhecido e mais longo de David Graeber, foi sua tese, *Lost People: Magic and The Legacy of Slavery in Madagascar* [*Pessoas perdidas: magia e o legado da escravidão em Madagascar*] (2007a). Recentemente, percebi que ele vinha escrevendo e reescrevendo este livro por toda a sua vida.

As pessoas dizem que as personalidades das crianças são formadas até os cinco anos e que matemáticos fazem as suas descobertas mais significativas quando são jovens. Eu também, acredito que a maioria de nós se depara com as questões-chave de nossas vidas na juventude e que os mais sortudos de nós encontram oportunidades, quando adultos, de buscar suas respostas.

Para David, tudo começou em Madagascar. Enquanto estudante de pós-graduação, viveu lá durante dois anos, coletando notas de campo, aprendendo malgaxe, tendo uma namorada e descobrindo a notável história de um povo descendente de uma mistura de piratas europeus e mulheres malgaxe – os Zala Mata. Esses piratas, embora também colonizadores brancos, divergiram do caminho destrutivo e muitas vezes genocida seguido por praticamente todos os outros grupos de colonos brancos; em vez disso, seus descendentes criaram uma nova cultura que perdura até hoje. De acordo com David, esta cultura deu uma contribuição significativa, embora tragicamente sub-reconhecida, para o que hoje chamamos orgulhosamente de “Iluminismo Europeu”.

David sempre se referiu a *Lost People* como seu melhor livro.

Enquanto conduzia sua pesquisa de doutorado em Madagascar, ele tirou muitas fotografias. Ele desenhou muitos mapas, variando em tamanho desde esboços muito



e219047

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe219047>

pequenos com legendas a mapas enormes com mais de um metro de comprimento. Ele deixou horas de entrevistas gravadas com os Malgaxe, bem como uma coleção de tecidos, brinquedos e roupas. Combinados, tudo isso pode ser descrito com segurança como um projeto artístico de compreensão feito por um observador surpreendentemente atento e zeloso.

Com incrível empatia, David mergulhou em um contexto totalmente diferente daquele que ele conheceu enquanto crescia. Ele era um jovem estadunidense de uma família de imigrantes da classe trabalhadora que chegou a uma terra controlada pela França sem falar francês. A única língua em que David conseguia se comunicar com os habitantes locais era o malgaxe recém aprendido. Talvez o fato de não ser falante nativo da língua colonial o tenha ajudado a ganhar simpatia dos aldeões. Mas sabemos pelas suas notas que aprender a sua língua o ajudou primeiro a perceber a situação na ilha não da perspectiva do colono (desde cima), mas em pé de igualdade com os nativos.

Parte da coleção de Madagascar é composta por fotografias tiradas por David. Uma prova da época em que esteve lá, essas fotografias foram impressas em filme, não gravadas digitalmente. Isso faz com que pareçam objetos, mais parecidos com pinturas do que o que hoje entendemos como fotografias – etéreas e onipresentes.

As fotografias malgaxe de David lembram-me desenhos do século XVIII, ligeiramente desbotados, com uma combinação sutil de cores, e o olhar do autor é incrivelmente calmo e compassivo. Ele captura o ordinário ao invés do exotismo, a humanidade ao invés da alteridade.

Vemos que estas são pessoas reais – assim como nós.

Sonho em imprimir estas fotografias em telas de grande formato para que a riqueza e a transcendência das cores, o mistério dos rostos dos seus heróis, se encarnem.

David Graeber viajou para Madagascar a partir do que nos dizem ser os epicentros da democracia ocidental. Mas uma vez lá, nesta ilha longe de casa, descobriu para sua surpresa um povo que se governava via democracia direta.

Como David descreve em uma de suas entrevistas:

A este respeito, o povo malgaxe está totalmente engajado em ação direta. Eles são os ativistas diretos definitivos, mas também estão em uma situação em que é muito mais fácil escapar impunes. Bom, se estamos falando das áreas rurais, fora das estradas pavimentadas, ninguém cobrava impostos e a polícia não aparecia. Assim, o Estado simplesmente não realizava as duas funções mais essenciais: extrair renda e fazer cumprir a lei. Mesmo nas cidades menores, isso quase não acontecia. Os Malgaxe criaram esta “quase revolução” por sutil desvio. É como um truque de mágica. Percebi que, essencialmente, o governo tinha deixado de existir, e as pessoas tinham inventado expedientes engenhosos sobre como lidar com o fato de que ainda existia tecnicamente um governo, estava só muito longe. Parte da ideia era nunca colocar as autoridades numa situação em que perdessem prestígio ou em que tivessem de provar que estavam no comando. Eles eram incrivelmente gentis com

estes se não tentassem exercer o poder, e faziam as coisas tão difíceis quanto possível se o fizessem. O caminho de menor resistência era seguir a farsa (Evans; Moses, 2011).

David sempre procurou e encontrou parentesco com aqueles que estavam à margem da sociedade porque foi daí que ele veio. Tendo crescido na classe trabalhadora, a sua carreira acadêmica como antropólogo o levou para a periferia da academia da Ivy League, um lugar que ele nunca sentiu ser verdadeiramente a sua casa. Como jovem professor em Yale, era mais provável que ele fizesse amizade com outros ativistas, artistas, acadêmicos e pessoas de fora que, como ele, navegavam nas margens da elite acadêmica do que com outros professores. Raramente ele se encontrava saindo com aqueles que chamava de “corretores do poder”. Na medida em que David estava aberto a envolver-se em longas conversas com jornalistas desconhecidos ou estudantes (foi assim que ele e eu nos conhecemos em Nova York em 2006), ele também era notoriamente intransigente com carreiristas, figuras de autoridade ou virtualmente qualquer pessoa que ele percebesse estar usando seu poder para manipular os outros, o que exclui muitas pessoas na universidade neoliberal moderna.

Assim, dada a sua aversão por isso e a sua total falta de apoio dentro do establishment, o seu próprio sucesso foi inesperado, e ele falou da sua fama com um grau de ironia e incredulidade. Sua demissão de Yale nunca o deixou. Embora ele finalmente tenha encontrado um novo cargo em Londres, na Goldsmiths, ele desde então sempre teve medo de perder o emprego.

Após sua morte, como costuma acontecer, sua popularidade disparou. Muitas pessoas começaram a ler seus livros e assistir a inúmeros vídeos de seus discursos espalhados pela internet.

É ainda mais importante perguntar com que tipo de imortalidade David teria concordado e que tipo de eternidade não lhe conviria de forma alguma.

Quando, ainda estudante, David foi para Madagascar, levou consigo apenas dois livros: *Irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévski, e *Rabelais e seu mundo*, de Mikhail Bakhtin. Esses livros enfatizaram ideias muito mais próximas das dos Malgaxe do que das da cultura ocidental de hoje. Afirmaram a primazia do diálogo sobre o monólogo, a cooperação sobre a competição, a zombaria carnavalesca e a complexidade da existência humana sobre a hierarquia. Segundo o estudioso literário e filósofo Bakhtin, Dostoiévski criou uma forma literária radicalmente inovadora: o romance polifônico. Suas características essenciais eram a objetividade máxima ao recriar os pontos de vista dos personagens, a diversidade de suas vozes e a discórdia dialógica entre eles. No romance de Dostoiévski, não houve um único autor-deus-narrador com base em cujo ponto de vista o mundo fosse descrito.

Esta é uma posição bastante antropológica, uma que David desenvolveu no seu estudo em Madagascar. Também moldou sua atitude em relação a todas obras literárias. David a entendeu como um diálogo e cooperação ao invés de uma conquista individual dele ou de qualquer outro autor. A partir destes contextos e circunstâncias muito diferentes, David foi capaz de sintetizar o seu projeto intelectual mais amplo, que delineou

num ensaio chamado *There was never a West. Or, Democracy Emerges from the Spaces In Between* [Nunca houve um Ocidente. Ou, a democracia emerge dos espaços intermediários] (2007b).

Mais dois livros foram publicados posteriormente, detalhando os diferentes modos de organização social que existiam antes e fora da hegemonia colonial europeia: *Pirate Enlightenment, or the real libertalia* [Iluminismo pirata, ou a libertalia real] (2023), originalmente publicado em uma coleção de ensaios, juntamente com *On Kings* [Sobre reis] (2017), com Marshall Sahlins, e *O despertar de tudo. Uma nova história da humanidade* (2022), com o arqueólogo David Wengrow.

Antes de sua morte, David planejou um projeto literário e filosófico de longo prazo com Mehdi Belhadj Kasem, mas só conseguiu publicar um livro com ele, *Anarchy – In a Manner of Speaking. Conversations with Mehdi Belhaj Kacem, Nika Dubrovsky, and Assia Turkiier-Zauberman* [Anarquia – De certa forma. Conversações com Mehdi Belhaj Kacem, Nika Dubrovsky, e Assia Turkiier-Zauberman] (2020a). Ele generosamente incluiu eu e Assia Turkiier-Zauberman neste diálogo.

David trabalhou com Brian Eno, Christophe Petit, David Wengrow, Andrei Grubasik e planejou muitas outras colaborações com várias pessoas. David e eu temos trabalhado em uma série de livros infantis chamada *Anthopology for kids* [Antropologia para crianças] (2017-2022), alguns dos quais já foram concluídos, e outros ainda têm apenas esboços e notas. Escrevemos juntos uma coleção de ensaios, *Another Art World* [Outro mundo de arte] (2019), e toda uma série de ensaios sobre filmes.

A importância da ideia de coletividade na sua obra literária não pode ser subestimada. David se considerava um estudioso revolucionário porque não apenas explorou o presente e o passado, mas também acreditou que essa visão poderia ser usada para construir uma sociedade melhor e justa. Num sentido muito marxista, não lhe bastava apenas interpretar o mundo; seu objetivo era mudá-lo. E era integral à sua teoria da mudança reconhecer que as instituições e estruturas que temos hoje foram feitas por nós e, como tal, poderiam facilmente ser feitas de forma diferente. Foi principalmente nisso que consistiu o trabalho de sua vida. David insistia que “o anarquismo não é como uma identidade, mas algo que você faz” (como ele escreveu sobre si mesmo em sua conta no Twitter). Poderíamos facilmente descrever o principal projeto intelectual de David como a democratização do próprio processo de produção de significado.

No manuscrito não publicado *Monastic Itself* [Monástico em si], David cita o que descreve como um texto provocativo de Maurice Bloch, *Going in and Out of Each Other's Bodies. Theory of Mind, Evolution, Truth and the Nature of the Social* [Entrando e saindo do corpo um do outro. Teoria da mente, evolução, verdade e a natureza do social] (2013). Refere-se ao interesse central da disciplina de antropologia, sua curiosidade por questões que só ela pode responder. Perguntas como: o que são os humanos? Em quais aspectos somos iguais? Em quais aspectos somos diferentes? Ele descreve as técnicas essenciais da produção coletiva de sentido e do diálogo como base da consciência humana:

Para que a antropologia seja capaz de oferecer qualquer explicação da sua própria existência – para ser capaz de perguntar (para adotar uma frase

de Roy Bhaskar) “o que torna a antropologia possível” – como o porque da capacidade que temos de compreender alguém que vive na zona rural de Madagascar, e também, simultaneamente, “o que torna a antropologia necessária”, por que essa compreensão geralmente não é transparente e, em muitos aspectos, extraordinariamente difícil. (Tomado de *Monastic Itself*)

Parece-me que a consciência de que os humanos são uma criação coletiva, uma reflexão sobre como esta coletividade está estruturada, tem andado de mãos dadas com a descolonização da antropologia e a democratização do trabalho literário.

Juntos, uma vez escrevemos um livro infantil chamado *What are Kings? Edifying and truthful stories*. [*O que são reis? histórias verdadeiras e edificantes*] (2020b). “O rei está morto – viva o rei” era uma frase que sintetizava a imortalidade do corpo do rei.

Conhecendo David, não creio que ele teria concordado com este tipo de imortalidade real, onde um “novo David” seria nomeado em seu lugar por alguma autoridade (acadêmica ou não), “para dar continuidade” à sua tradição. Será que ele gostaria que monumentos de bronze em sua homenagem aparecessem nas principais universidades do mundo?

Parece improvável que ele tivesse ficado feliz com estátuas de bronze ou com um acólito nomeado. Ainda assim, ele certamente teria ficado grato pela diversão e companheirismo de uma coletividade trabalhando em prol da sua visão partilhada de liberdade.

Talvez as estruturas educacionais e editoriais existentes não sejam o melhor lugar para concretizar a coletividade com que David sonhou, mas ainda mais verdadeira é a sua observação de que nós mesmos criamos essas estruturas e podemos muito bem construir outras.



© Dubrovsky, 2023

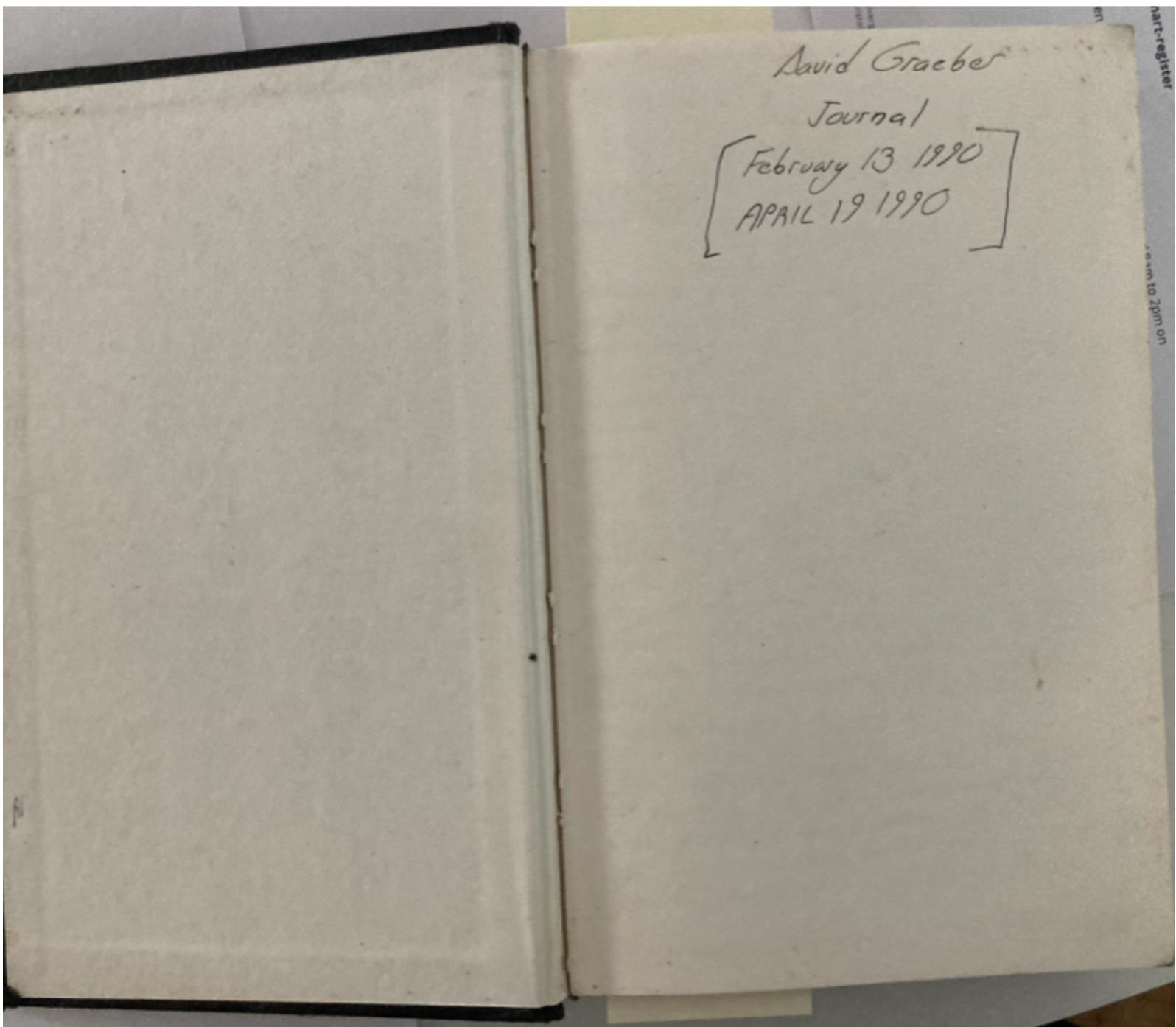
**Fotografia 1**





**Fotografia 3**

© Dubrovsky, 2023



**Fotografia 4**

© Dubrovsky, 2023

190  
in, and people who like to sit around talking about things + telling each other stories. Such fun, such fun... and people are even apparently making plans to send me to Ahibelonia w/ the Mompesa.

7:55 PM 13 FRIDAY '90 MAIL

Well today wasn't a perfect day like yesterday, but it wasn't at all a bad one.

The plan had been to go to visit someone called Ranaivo, grandson of the old man who was A.A. of the ryanatra at the Lycee/President taloha (but who's now dead) who best knew the history of Anemman. Then continue on the same road west to Mananbasina, which we'd been told all sorts of interesting things about.

Well Ranaivo wasn't in + neither was his wife. Well come back. And so we went on, thro the drizzling rain + rather pleasant wind (a cyclone had hit was the news from the radio, but to the N... it drizzled sporadically thro-out the day but never really rained), re wearing my heavyish yellow short that I've discovered is exactly like a Malabary - the kind that I like, which is w/ bottoms down to almost the belt but hanging down further, to half-

way to the knee, turns out to be exactly what is the name of the mature (viral) male - you can only wear a Malabary or pants once you've been circumcised. Secondly, I'm still shy to wear it properly - i.e. not tucked into my pants - about half of the time.)

So we come to Mananbasina, sitting against the Nth fields of Ahipenampo, w/ a gigantic + very handsome curved valley of rice spread out in front of us. I'd almost met my camera be broken?, climbed up past people doing jinja, which seems to be done very sporadically, field by field as the rice becomes ripe. There were people beating rice in front of the large double house of the Pasi tara (large houses seem to often be , w/ terraces connecting, but often divided into separate family compartments).

He was a likeable fellow who talked long + fairly easily about the history of the place - including a long description of fanosimana that used to be done, and since only ANETIVOEA does it any more, and a nearby Vazimba tomb and the only havand'a taloha (we'd met an old lady on the path who'd told us that because of it, Anil only hits the fancy + never the t-b) - which the poster was a bit embarrassed he believed in but he'd seen it -

Fotografia 5

© Dubrovsky, 2023

voices one might care to.  
 It'll be fun to be actually on my way. Tomorrow  
 I'd be wise to check the tape recorder + practice  
 w/ the mike.

Oh, another thing I've been looking at:

① SPEECH GENRES:

I went w/ Jacques over all the  
 compounds from the word "resaka" (resa-body,  
 resa-heavy...) which refer to forms of mostly  
 idle conversation. I'd like to end up w/ a grand  
 list of all the objectified speech genres (ie,  
 what those's names for) from kabary to the  
 stuff you do when hanging out, killing time...  
 To help out w/ my general work on stories +  
 conversation. Should be fun as well as useful.  
 My still-scanty field notes are beginning to fill  
 out.

Have to arrange my notebooks.  
 Have to go to bed.

10:30 AM  
TUE 27 FEB. '90

I should use this brief interlude w/ surplus  
 \$ to buy useful things: not only books in  
 Malagasy but also a new dictionary, pens, more

of those...  
 to make due with since the nice ones are no longer  
 available...

About speech genres. There's absolutely no  
 reason I shouldn't be able to do work here  
 about that sort of thing (and anyway I should,  
 as the genres are not the same in the country,  
 probably.) The problem to be dealt with first  
 is the relation of categories...



Is complaining a narrative genre? Usually it  
 recounts events in some detail. Well: usually its  
 minimal form is just "boy is it hot out, what bad  
 weather, I'm tired..." But generally it relies on  
 the past, emphasizing (a) what happened, (b) why it  
 was annoying - and by implication unfair - to me.

Fotografia 6

© Dubrovsky, 2023



© Dubrovsky, 2023

**Fotografia 7**

## Referências bibliográficas

- BLOCH, Maurice. 2013. *Going in and Out of Each Other's Bodies. Theory of Mind, Evolution, Truth and the Nature of the Social*. New York: Routledge
- GRAEBER, David. 2023. *Pirate Enlightenment, or the real libertalia*. Farrar, Strauss and Giroux.
- GRAEBER, David; WENGROW, David. 2022. *O despertar de tudo. Uma nova história da humanidade*. São Paulo: Companhia das letras
- GRAEBER, David. 2020a. *Anarchy – In a Manner of Speaking. Conversations with Mehdi Belhaj Kacem, Nika Dubrovsky, and Assia Turkiër–Zauberman*. Zurich: Diaphanes Anarchies
- GRAEBER, David; DUBROVSKY, Nika. 2020b. *What are Kings? Edifying and truthful stories*. eb00k LLC
- GRAEBER, David; DUBROVSKY, Nika. 2019. “Another Art World”. *E-flux journal*, no. 102, 104 e, 113. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/> (Acesso em 11/2023)
- GRAEBER, David. 2017-2022. *Anthopology for kids*. Web site. Disponível em: <https://a4kids.org>. (Acesso em 11/2023)
- GRAEBER, David; SHALINS, Marshall. 2017. *On Kings*. Chicago: Hau books. Versão libre disponível em: <https://haubooks.org/on-kings/> (Acesso em 11/2023).
- GRAEBER, David. 2007a. *Lost People: Magic and The Legacy of Slavery in Madagascar*. Indiana: Indiana University Press
- GRAEBER, David. 2007b. “There Never Was a West Or, Democracy Emerges from the Spaces In Between”. In: \_\_\_\_\_. *Possibilities: Essays on Hierarchy, Rebellion, and Desire*. Canada: AK Press. Disponível em: <https://davidgraeber.org/articles/there-never-was-a-west-or-democracy-emerges-from-the-spaces-in-between/> (Acesso em 11/2023)
- GRAEBER, David. *Monastic Itself*. Inédito.
- EVANS, Ellen; MOSES, Jon. 2011. “Interview with David Graeber”. *The White review*. Dezembro. Disponível em: <https://www.thewhitereview.org/feature/interview-with-david-graeber/> (Acesso em 11/2023)

## sobre a autora

### Nika Dubrovsky

É artista e escritora. Seus textos foram publicados em e-flux, artnet, art-review e outras publicações. Nika está atualmente trabalhando na série de livros “...feito diferente” (MIT 2024), da qual foi coautora com seu falecido marido David Graeber, ativista e antropólogo. Ela chamou seus livros de ensaios visuais. Nika é curadora da iniciativa de código aberto “Museum of Care” e fundadora do David Graeber Institute.

**sobre os tradutores**

**Renato Martelli Soares**

É doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS CECH-UFSCar e assessor do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental – ISA

**Leonardo Viana Braga**

É doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS FFLCH-USP e assessor do Programa Zo'é do Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena

**Autoria:** A autora é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

**Financiamento:** Não houve.

Recebido em 19/11/2023.

Aprovado para publicação em 27/11/2023